

CRÔNICAS CIDADINAS E PERCEPÇÕES DO ESPAÇO URBANO EM FLORIANÓPOLIS (1930-1935)

SABRINA FERNANDES MELO¹

Crônicas cidadinas e percepções do espaço urbano em Florianópolis (1930-1945)

Resumo: Esta comunicação discutirá a configuração da paisagem urbana de Florianópolis através das crônicas jornalísticas pesquisadas no jornal *O Estado*, entre os anos de 1930 e 1935. O objetivo central é verificar as diferentes maneiras que indivíduos contemporâneos interpretaram e criaram expectativas em relação à cidade, percebendo os diálogos entre o espaço construído e as expectativas e percepções lançadas à ele.

Palavras-Chave: crônicas, Florianópolis, espaço urbano

Durante a primeira metade do século XX, foram instaurados em Florianópolis, novos códigos de trânsito, signos/placas que sinalizam as ruas, novas construções com diferentes estilos arquitetônicos, novas formas de lazer e sociabilidade como salas de cinema, bares e cafés. Alterações urbanas que provocaram novas sensações perceptivas e visuais, paradas obrigatórias, limites de velocidade, padronizando algumas ações da vida urbana. Enfim, a centralidade do termo mobilidade e todas as necessidades e desdobramentos que fizeram e ainda fazem parte da abordagem das políticas urbanas, atestam a importância deste termo para a configuração do cenário urbano atualmente conhecido.

A modificação do espaço urbano de Florianópolis, seja por meio da arquitetura, pela adoção de novos padrões estéticos, por movimentos políticos e culturais ou pelas leis e resoluções, ultrapassou a realidade física e material da cidade. Simultaneamente às construções erguidas sob a égide de novas resoluções e de novos olhares, nela as pessoas transitavam. E com algumas delas, conseqüentemente, circulavam ideias, conceitos,

¹ Doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH - UFSC), integrante da linha de pesquisa Arte, Memória e Patrimônio e bolsista CNPQ. E-mail: sabrina.fmelo@gmail.com

percepções e posturas que oscilavam entre o ideal imposto pelas leis e o ideal construído pelas expectativas criadas em relação a Florianópolis.

A arquitetura pode ser usada como um meio profícuo para a discussão de ordem imaterial e subjetiva limites que extrapolam, mas também dialogam com seu aspecto físico, material e tangível e atuam na construção de imagens urbanas. Por meio das crônicas jornalísticas produzidas sobre Florianópolis entre o período de 1930-1935 é possível identificar expressões culturais, de valores e de expectativas criadas pelos indivíduos em relação ao espaço urbano. O objetivo desta análise é entender a dinâmica urbana por meio de olhares outros, que se diferenciam da arquitetura e das leis, mas que, ao mesmo tempo, dialogam e são parte das ressonâncias urbanas que as mesmas provocam.

A imprensa, definida como um aparato atento aos fenômenos e às transformações das cidades atuou na dinamização e impulsão de diversos eventos urbanos. Os jornais, como fontes históricas importantes para o trabalho do historiador/a, serão usados pela análise de suas crônicas diárias. A escolha das crônicas jornalísticas como fonte dessa pesquisa, justifica-se pela capacidade deste gênero textual registrar o cotidiano, as sensibilidades, as representações de si e de um determinado tempo. Neste sentido, as crônicas tornam-se fontes profícuas para o acesso às formas pelas quais, parte dos indivíduos do período estudado, construíram representações ou imagens de si mesmos e do ambiente que viviam.

As crônicas assimilam a visualização de espaços e práticas sociais urbanas e apresentam impressões sobre os modos de vida e o cotidiano. Elas não serão analisadas como relato fiel do contexto em que foram escritas já que seu caráter alegórico e seu potencial criador serão considerados no processo de análise, mas como gênero literário de fronteira que oscila entre a literatura e a história. Uma afirmação desse porte abre o debate sobre as 'reais' fronteiras entre a história e a literatura e se o autor da crônica estaria a produzir uma história do seu tempo presente a partir observação e vivência de eventos cotidianos.

As possíveis discussões geradas por estas questões não serão aprofundadas por não ser o foco principal do trabalho. A opção em denominar a crônica como gênero de fronteira do justifica-se, pois “a crônica, tal como a literatura, a pintura, a fotografia, é testemunho de si próprio, ou seja, do tempo presente de sua feitura, que faz perceber e qualificar o real desta ou daquela forma” (PESAVENTO,2004:66).

Outro argumento para a escolha das crônicas é sua capacidade de recriar a realidade por meio de “um mundo paralelo de palavras e imagens, processo este que se estabelece no âmbito escrito e se complementa naquele da leitura” (PESAVENTO,2004:66). Diante desta possibilidade, as crônicas serão analisadas para percebermos a (re) configuração destas imagens mentais e destes horizontes de expectativas criadas sobre o espaço urbano.

As crônicas pesquisadas foram retiradas do jornal *O Estado* entre os anos de 1930-1935. Não serão analisadas todas as crônicas coletadas durante este recorte temporal, apenas aquelas que tratam da dinâmica urbana, em especial do entorno da Praça XV de Novembro e das expectativas em relação à cidade. O jornal *O Estado* era de circulação diária e, durante quase todo o decorrer do século XX, foi um dos maiores e dos mais antigos de Santa Catarina. Este jornal começou a circular em 1915, sob a direção de seus fundadores João Colaço, Martinho de Sousa Lobo e Henrique Rupp Junior. Em 1918, a sua direção passou para Augusto Lopes e Silva. Em 1935, ele foi adquirido por Aderbal Ramos da Silva, membro do grupo Hoepecke, que direcionou investimentos para sua modernização e expansão.

As matérias e as colunas do jornal *O Estado* abarcavam assuntos diversos que transitavam entre política, esporte, coluna social, propagandas, cinema, teatro, dentre outros. Este, assim como outros jornais daquele período, possuía, no máximo, dez páginas, contando frente e verso. Assim, as notícias ali publicadas eram elencadas cuidadosamente, pois nem sempre havia espaço para tudo que se queria noticiar. Por vezes, acontecia de o jornal se desculpar com os leitores por haver postergado a publicação de uma matéria, alegando falta de espaço no periódico, mas, em nota, ressaltava que isso não desconsideraria a importância da notícia.

Estas “narrativas curtas, difundidas pelos jornais, frente a um mundo transformado pela modernidade urbana e pelos meios de comunicação de massa” (PESAVENTO,2004:66), ou seja, as crônicas, eram publicadas nestas disputadas páginas. A cada edição do jornal eram apresentadas até duas crônicas, o que não significa que elas fossem fixas, como colunas diárias. A maioria dos cronistas que escreviam esta espécie de registro do cotidiano adotava pseudônimos que remetiam a escritores, literatos ou personagens nacionais e também não eram fixos. Alguns permaneciam com publicações diárias ou semanais, como o cronista Braz Cubano com sua coluna *Cinema ao Ar Livre* e Cantú-Mirim, que publicou seus escritos nos mesmos números que Braz Cubano no decorrer do mês de abril de 1930. Estes dois cronistas

exemplificam as divergências de percepções e opiniões sobre a dinâmica social e cultural da cidade.

Braz Cubano, autor da coluna *Cinema ao Ar Livre*, geralmente criticava a pouca movimentação do centro, alguns costumes que considerava retrógrados e a infraestrutura urbana. Braz pode ser apresentado como um cronista da ruptura, pois procurava romper com a ordem instituída na dinâmica da capital. Em suas crônicas, ele apresentava o problema - geralmente situado no presente em que escreve, e em seguida fornecia soluções que estavam situadas em um futuro almejado para a cidade.

O estilo narrativo de Braz Cubano e de outros cronistas como aquele que adotou a consoante M como assinatura, pode ser conceituado como crônicas de “fronteira no tempo-futuro” (PESAVENTO,2004:73). Ao apresentar o presente e a partir dele criar expectativas e expor propostas para mudá-lo e transformá-lo em um tempo-futuro, o cronista deixa emergir, além do caráter alegórico da escrita, o caráter ficcional da crônica. Normalmente, este estilo se inicia com a construção de um panorama geral da situação presente, como se observa no trecho da crônica de M intitulada *Florianópolis é uma Cidade Doentia*, que busca respaldo no discurso médico e em documentos e relatórios de governo para a construção de sua narrativa. O cronista propicia ao leitor a opinião de três médicos – Remédio Monteiro e Alexandre Bayma, já falecidos no momento da publicação da crônica e Ferreira Lima, que havia sido presidente do Departamento de Higiene da capital.

M afirmou que estes médicos deixaram suas impressões sobre o clima e sobre os possíveis focos de epidemias em Florianópolis. Sobre isto, o doutor Remédio Monteiro afirmou que o clima era inferior ao da capital federal, pois a taxa de mortalidade em Florianópolis era superior, fato que se justificaria com “intensos ventos do quadrante norte, que por quentes e úmidos são insalubres”². O segundo médico relacionava a insalubridade à presença do cemitério na entrada da cidade, cujos “gases venenosos, subindo durante o dia e caíam durante a noite sobre a cidade, contaminando-a em pontos vários”³. Finalmente, o terceiro afirmou que a presença da insalubridade derivava dos pântanos e da “imundice da Fonte da Bulha”⁴.

² M. Florianópolis é uma cidade doentia, *O ESTADO* 27 fev, 1930, p.04.

³ Idem.

⁴ Idem.

M estava convicto que os relatórios elaborados pelos três médicos influenciaram o governador Hercílio Luz a iniciar as obras de canalização do Rio da Bulha, a construção da Avenida do Saneamento e a transferência do cemitério para o bairro Itacorubi, ou seja, todos os possíveis focos relatados haviam sido ‘sanados’ com as obras feitas pelo governador. Entretanto, mesmo com todas as medidas adotadas, M afirmava que as epidemias e as moléstias ainda eram uma realidade e se perguntava em que local, afinal, estaria o foco que faria com que a cidade fosse vista como doentia? Para ele, o foco da insalubridade seria as montanhas, especificamente aquela que separava o centro do então distrito do Saco dos Limões e Trindade. Para ele as montanhas se constituíam em um “verdadeiro anteparo aos raios do sol ao nascer e aos ventos”⁵. Além disso, assinalava que “as montanhas quanto tem de sadias nos seus cimos por secos, têm de doentias nas suas bases por úmidas”⁶. Sua opinião se equiparava a dos médicos, a do discurso oficial, que enfatiza que o foco da insalubridade estaria nas montanhas.

M defendia a remoção das montanhas e o uso da terra nas obras do aterro da baía sul, considerado de extrema necessidade para a expansão predial da capital. Caso não fosse possível a retirada completa das montanhas, ele sugeriu que a altura dos morros fosse diminuída pela metade medida que serviria para a abertura de novas avenidas e não atentaria contra a beleza panorâmica do local⁷. A obra de remoção das montanhas, ou de encurtamento de seu tamanho abriria as portas da cidade para leste, permitindo a entrada de luz solar e “vibrações iodadas do mar, tão necessárias à vida” e ao mesmo tempo diminuiria a distância que separava “Florianópolis do futuro distrito do Saco dos Limões de traz dos morros”⁸.

Desde o início da narrativa observa-se uma cumplicidade entre o leitor e o cronista. Nela, o leitor tende a concordar com as visões do cronista, ou seja, o leitor segue esta ficção e estas aspirações para o futuro que contradiz a realidade presente. Este estilo de crônica termina com um despertar do cronista e com “seu retorno ao cotidiano, contato com a

⁵ M. Florianópolis é uma cidade doentia, *O ESTADO*, Florianópolis, 27 fev, 1930, p.04.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ M. Florianópolis é uma cidade doentia, *O ESTADO*, Florianópolis, 27 fev, 1930, p.04. O distrito do Saco dos Limões possuía nos anos de 1930 mais de quinhentas casas e sua população era calculada em aproximadamente três mil habitantes. O distrito já não era mais considerado um sítio, ou parte da zona rural da cidade, já que contava com muitas casas de comércio e até mesmo com um cinema, o Cine Glória. Devido ao desenvolvimento da região, moradores e lojistas solicitavam que a Prefeitura providenciasse o alargamento das principais ruas de acesso e a construção de outra passagem a partir da remoção da montanha que separava o distrito do centro da cidade.

realidade que, não raro, se faz acompanhar de um sentimento de decepção” (PESAVENTO, 2004:73). “Será isto mais um sonho de leigo em higiene?”⁹. E é exatamente desta maneira que M termina sua crônica, com uma frase que o traz de volta pra a realidade e simultaneamente atesta sua decepção diante da situação. A crônica futurista apresenta o que Kosellek (2006) define como “horizonte de expectativas”, ou seja, a configuração do futuro-presente que se refere ao elemento de projeção futura, das transformações, das rupturas. O horizonte de expectativas “se efetua no hoje, é futuro feito presente, aponta ao não experimentado, ao que só se pode descobrir” (KOSELLECK, 2006:338).

As crônicas memorialísticas dão a ver o receio do futuro, o que faz com que narrativas dessa natureza ancorem-se no passado por ameaça da mudança, das rupturas ou da subversão da ordem vigente. Esse tipo de rememoração e de atitude frente ao presente, pode ser denominada, de acordo com a perspectiva de Koselleck (2006:338), como espaço de experiência, entendido como “um passado presente, cujos acontecimentos foram incorporados e podem ser recordados”.

A pauta diária das crônicas era extraída dessa divergência de opiniões e olhares. Algumas veiculavam conceitos relacionados à modernidade e ao progresso, outras rememoravam épocas em que se andava de bondinho de tração animal, ou do período que não havia o serviço de Correios e Telégrafos e as informações eram transmitidas no sistema ‘boca a boca’, ou nas palavras do cronista, durante o tempo em que “os povos não se davam ao luxo de ter imprensa e as resoluções das autoridades se tornavam conhecidas através dos bandos”¹⁰. É nesta diversidade de olhares e percepções que se encontra a riqueza destas fontes, ou melhor, destas maneiras de ler e interpretar a cidade.

Como resultado do contato com estes relatos sensíveis uma questão emerge: a relação de identificação entre os indivíduos, a cidade e seus múltiplos espaços ultrapassam a lógica geométrica determinada pelo traçado arquitetônico pela racionalidade das leis. Sobretudo, pela verificação de diferentes noções de tempo, onde algumas delas tendem a rememorar e a positivar o passado e outras buscam romper com a ordem instaurada e criar uma nova realidade. Estas duas formas de interpretação, ou dito sob a perspectiva de Koselleck essas duas categorias horizonte de expectativa e espaço de experiência não existem separadamente.

⁹ M. Florianópolis é uma cidade doentia, *O ESTADO*, 27 fev, 1930, p.04.

¹⁰ CANTÚ-MIRIM. O bando. *O Estado*, Florianópolis, 05 abril, 1930, p.05.

Não há experiências sem expectativas, conhecimento, recordação ou vivência do passado que não seja informada por uma visão de futuro e vice-versa. As “expectativas”, por sua vez, não podem ser inteiramente deduzidas da “experiência”, mas também não podem existir de forma completamente independente.

A maioria das crônicas relacionadas aos assuntos da cidade era direcionada ao cotidiano da vida urbana. Observadores, cidadãos, cronistas e jornalistas deixaram suas percepções sobre a cidade. Para Braz, Florianópolis era uma cidade incontestavelmente bela, com sua topografia pitoresca e talvez única entre as velhas cidades brasileiras, que encantava pelo seu “imprevisto e originalidade”¹¹. O cronista apontou que alguns aspectos para ele tidos como civilizados eram dignos de luz e de perspectiva, pois proporcionava um ar “modernista e brilhante”¹² à capital.

Contudo, Braz opinava que, mesmo dotada de vários aparatos urbanos tidos como modernos, Florianópolis “insistia em ser uma cidade antiga, grave e doméstica”¹³, graças à manutenção de hábitos já não condizentes com a modernidade como, por exemplo, o consumo de chá com torradas das nove horas, o uso do xale e do lenço de chita na cabeça e as músicas de orquestra tocadas nos bares.

Um observador displicente, nas palavras de Braz, após percorrer alguns bares em um domingo de abril, reclamava: “Ora, já se viu isso? Vou ao bar para me divertir, ouvir cousas alegres, e vem a orchestra tocar trechos de óperas! Seria como se o 'Chiquinho' falar do bar do chiquinho fosse sala de concertos! Irra! na era do *jazz band* e da pavuna!”¹⁴.

O cronista concordou com o observador ao afirmar que “quem vai a um bar não deseja arrepiar os nervos com o pranto do violino. As músicas de sobrecasaca e cartola, graves, como acompanhantes de enterro, ficam bem em salões de concertos”¹⁵. Braz protestava que, em plenos anos trinta, momento caracterizado pela alegria barulhenta e pela diversão, as orquestras não seriam condizentes com o ambiente boêmio, que deveria tocar *Jazz* e *Fox*, ritmos que para ele eram sinônimo de calor e de vida.

¹¹ CUBANO, Braz. Cinema ao ar livre. *O Estado*, Florianópolis, 02 abril, 1930, p.06.

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

Para Braz Cubano Florianópolis era caracterizada por uma “intensa tristeza de semana santa e de uma melancolia típica de uma tarde de outono”¹⁶. Para ele, as praças eram tristes, pois a monotonia das longas tarde de sol ofuscavam as belezas naturais que ali poderiam ter. O cronista protestava que ninguém procurava romper com a lenta dinâmica da cidade, que ainda conservava “a velha saudade lusíada do desterrado”¹⁷. Ele considerava que os habitantes preferiam o silêncio dos bancos das praças do que apreciar uma boa música tocada por uma das quatro bandas: duas civis e duas militares. Para Braz, essa situação poderia ser mudada caso houvesse vontade política de trazer para a capital mais opções de lazer e diversão.

O cronista M possuía a mesma opinião que Braz Cubano sobre as opções de lazer que diminuía aos domingos. Para M os domingos em Florianópolis eram “uma coisa insulsa e insuportável”¹⁸, pois havia apenas duas opções de entretenimento neste dia da semana, o Corso insípido no Oliveira Belo e os cinemas, alternando “corso e cinema em um domingo e cinema e corso em outro domingo, á guisa de menu de restaurante do interior, com ovos e linguiça no almoço e linguiça e ovos ao jantar, acaba por deixar um cidadão ilustre ou não, completamente bestificado”¹⁹ e completava:

Leva-se uma semana inteira de lutas. Seis dias a fio ali no duro, nessa vidinha trabalhosa e agitada, para afinal, no domingo dia de recreio e descanso mumificar-se a gente num banco de casa de cinema, para ouvir cânticos exóticos, falar em inglês morrendo de arrependimento pela falta dos três mil réis. E quando não este supliciar-se o cidadão no escuro do cinema, onde as estrelas americanas tem um brilho fugidio, vai o pobre mortal rodar, rodar, idiotamente, aparvalhadamente em volta dos canteiros dos jardins (...) ²⁰.

Em *As Nossas Praias de Banho*, M discorreu sobre ele a facilidade de comunicação entre Florianópolis e as demais cidades após a construção da Ponte Hercílio Luz. Contudo, lamentava que a ponte não fosse suficiente para atrair veranistas para as praias da capital. Segundo ele, a ausência dos veranistas se explicava pela poeira produzida pelos carros. Essa poeira adentrava as casas e “amedrontava os veranistas”²¹ que buscavam conforto e comodidade para passar o veraneio e não “ruas sem calçamento e empoeiradas”²². A solução

¹⁶ CUBANO, Braz. Cinema ao ar livre. *O Estado*, Florianópolis, 2 abril, 1930, p.06.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ M. As nossas praias de banho. *O ESTADO*, 18 fev, 1931, p.04.

²² M. As nossas praias de banho. *O ESTADO*, 18 fev, 1931, p.04.

para este problema, segundo M, seria maiores investimentos no calçamento das ruas que, além de atrair mais turistas, evitaria que “os moradores vivessem a irrigar o leito da rua, a frente de suas casas, com água do mar a baldes”²³ para abrandar a poeira.

M apontou algumas possibilidades para solucionar o problema do calçamento das ruas que para ele não eram totalmente pavimentadas por causa do alto preço dos materiais de construção, em especial, do cimento e da pedra. Tomando a Ponte como referência, por possuir o estrado de madeira, M acreditava que este seria o melhor material para o calçamento, pois “a madeira, ao contrário da pedra, não reflete o calor solar com tamanha intensidade, o que equivale dizer que não concorre para os casos de insolação, tão comuns nos centros de população aglomerada”²⁴. A madeira seria um material barato e funcional, pois se adaptaria bem à “invasão victoriosa da roda de borracha que virá a ser o transporte do futuro, pois a tração animal está quase limitada ao campo”²⁵.

Para M a expansão predial, associada ao crescimento e ao progresso, não deveria apenas ser vista em termos quantitativos. A maioria das casas construídas no perímetro urbano possuíam condições precárias de serviços básicos de saneamento e infraestrutura, culminando em “vivendas alegres, só faltando água, esgoto e mercado”²⁶.

Muitas crônicas ocuparam-se em relatar o progresso e os benefícios que a Ponte Hercílio Luz concedeu à Florianópolis. No entanto, as reclamações sobre a cobrança de pedágio eram recorrentes. M escreveu algumas crônicas relacionadas ao pedágio da ponte, considerados por ele abusivos por Florianópolis ser uma “capital pobre”²⁷, sem condições de suportar impostos dessa natureza. De acordo com a crônica, “todos os habitantes, sem distinção de classe social”²⁸, desejavam a chegada do dia em que desapareceriam das cabeceiras da Ponte as odiadas guaritas que “arrancavam os tostões que muitos infelizes tinham que pedir emprestado antes de se aproximarem daquele colosso que por uma mera convenção dos homens, exige tributo para lhe pisarem no dorso”²⁹.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem..

²⁷ M. Impostos sobre a ponte. *O ESTADO*, 17 fev, 1931, p.01.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

Para M, a Ponte deveria ser um catalisador para a construção de uma estrada de ferro que “traria progresso e engrandecimento”³⁰ por se tratar de um meio de transporte “eficaz, regular e econômico”³¹. Ao comparar Florianópolis a outras capitais, o cronista afirmou que “eis porque o progresso que avança vertiginosamente pelos sertões de alguns estados, aqui em Santa Catarina, as barbas de Florianópolis, caminha a passo de burro de cargueiro, como nós vemos ainda pelas ruas da cidade”³².

Ainda tratando-se do progresso almejado em *O Nosso Porto*³³, M faz uma descrição da paisagem contemplada do Morro d'Água, de onde seria possível vislumbrar “a placidez espelhante de suas bahias (...), a brancura de tantas praias, longas umas, curtas outras e o verde interminável das baixadas terra adentro”³⁴. A admiração da paisagem florianopolitana poderia provocar duas antagônicas sensações: o prazer “ante o esplendor de nossa natureza sulina”³⁵ e o pesar “ante o desapareço de suas águas para a formação de um porto bom, a que o desenvolvimento de nossa capital há muito vem reclamando”³⁶.

O cronista acreditava que a paisagem de nada valia se não fosse posta a serviço do progresso, associado à construção do novo porto. Para ele e outros cidadãos que compartilhavam da mesma opinião seria “um sonho de todos os dias e de todas as horas”³⁷ chegar o dia em que seriam aterrados “sob contornos graciosos, todas essas retrancas ou sacos”³⁸. O aterro serviria também para evitar o acúmulo de lodo e de sujeira, fatores prejudiciais à estética e à higiene. O aterro deveria ser tratado como prioridade pois beneficiaria a saúde pública, a beleza da região e contribuiria para a construção de “novos prédios e novas fontes de renda para o erário público”³⁹.

As obras eram prioritárias nas áreas nobres. Estas regiões contavam com fiscalização constante diferentemente das regiões mais afastadas do perímetro central. Sobre essa realidade, há o seguinte registro de moradores:

³⁰M. O imposto sobre a ponte. *O ESTADO*, 19 fev, 1931, p.01.

³¹Idem.

³²Idem.

³³M. Nosso porto. *O ESTADO* Florianópolis, 12 maio, 1931, p.0426 fev, 1930, p.06.

³⁴Idem.

³⁵Idem.

³⁶Idem.

³⁷Idem.

³⁸Idem.

³⁹Idem.

Enquanto os fiscais de higiene pública visitam assiduamente as quitandas e os quintais do perímetro urbano, os fiscais da municipalidade têm medo, receio ou raiva de passar por aquela 'avenida', talvez por causa da canzoada que a infesta e que já tem mordido várias pessoas⁴⁰.

Por esses relatos observa-se que as obras de melhoramento suscitavam opiniões divergentes. Se, por um lado, o discurso político enaltecia as obras de infraestrutura como um bem necessário ao embelezamento e progresso urbano; por outro, os moradores de regiões adjacentes às obras reclamavam da desatenção da prefeitura e dos transtornos ocasionados pelas obras.

Pelas temáticas abordadas nas crônicas percebem-se as divergentes opiniões em relação às obras de melhoramento e aos rumos da cidade. Os horizontes de expectativa, as percepções e a memória do passado emergem como uma justificativa a opinião e ao ponto de vista dos cronistas, que defendem e almejam, ou rechaçam e temem a mudança da dinâmica urbana da capital.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2006.

LASH e URRY (1994) apud GAGLIARDI, Clarrisa. Turismo e Cidade. In: *Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas*. Carlos Fortuna e Rogério Proença Leite (Orgs.). Coimbra: Edições Almedina, 2009, p.246-263.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e SOUZA, Célia Ferraz de. Organizadoras. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2º ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

⁴⁰ Coleção de Leis do Município de Florianópolis. 1896-1901.p.10.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

PESAVENTO, Sandra. Crônica: Fronteiras da Narrativa histórica. In: *História Unisinos* vol.08.n.10. PP.62-80,2004.Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/52215228/Pesavento-Cronica-e-narrativa-historica>>, p.73. Acesso em 08/11/2012.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2008

WEISS,Cristian Edel. *Jornal de Santa Catarina: da ambição nacional ao foco no Vale do Itajaí*. In: XXXIII Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul- RS, 2010. Disponível em:< <http://www.intercom.org.br>>. Acesso em 01/12/2012.

Fontes

Colleção de Leis do Município de Florianópolis. 1896-1901.p.10

Periódicos

CANTÚ-MIRIM. O Velho Mercado. *O Estado*, Florianópolis, 06 jan, 1931, p.06.

CUBANO, Braz. Cinema ao ar livre. *O Estado*, Florianópolis, 02 abril, 1930, p.06.

M. O Aterro do “Treze de Maio”, *O ESTADO*, 02 maio, 1931, p.06.

__. M. As nossas praias de banho. *O ESTADO*, 18 fev, 1931, p.04.

__. O imposto sobre a ponte. *O ESTADO*, 19 fev, 1931, p.01.

__. Nosso porto. *O ESTADO* Florianópolis, 12 maio, 1931, p.04.

O ESTADO, Florianópolis, 02 maio, 1931, p.06.

O ESTADO, Florianópolis, 19 jan, 1931, p.01.

O ESTADO, Florianópolis, 08 jan, 1931, p.03.